

DO FAZER MANUAL AO DIÁLOGO COLETIVO: METODOLOGIAS ATIVAS NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Thaynara Chagas Vieira¹

Jonas Santos Cruz²

Ana Rute Lima de Oliveira³

Jacqueline Kelly dos Santos Coelho⁴

Michely Peres de Andrade⁵

RESUMO

O presente trabalho constitui um relato de experiência construído a partir da realização de oficinas de crochê e bordado e da condução de um Círculo de Construção de Paz, utilizados como metodologias ativas entre os meses de março e junho de 2025 pelo PIBID de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará, na Escola de Ensino Médio Santo Amaro. Busca-se compreender como essas atividades contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, especialmente no caso das estudantes. Partimos do entendimento de que novas estratégias pedagógicas fortalecem a autonomia e o protagonismo estudantil, rompendo com a lógica da educação tradicional e transgredindo saberes cristalizados por meio da arte manual, representada pelo bordado e pelo crochê. Para além de técnicas ou estéticas, o bordado e o crochê assumem, aqui, uma função formativa e reflexiva como metodologias interdisciplinares capazes de articular diferentes conhecimentos. Da mesma forma, o Círculo de Construção de Paz configura-se como um espaço de diálogo e escuta ativa, promovendo vínculos, estimulando a empatia e criando um ambiente colaborativo que potencializa o aprendizado. Essa perspectiva dialoga com a crítica de Paulo Freire à educação bancária, em que o professor deposita conteúdos de forma passiva nos estudantes. Em oposição a isso, as práticas aqui descritas valorizam o diálogo, a participação ativa e a construção coletiva do conhecimento, reconhecendo os estudantes como sujeitos históricos capazes de produzir e transformar saberes. A partir dessas atividades, realizou-se um grupo focal com quatro participantes das oficinas, com o objetivo de investigar de maneira mais aprofundada como essas metodologias foram percebidas e de que forma contribuíram para a aprendizagem. Nesse encontro, emergiram críticas às aulas tradicionais, que em comparação às oficinas, oferecem menos espaço para o diálogo aberto, o acolhimento e a expressão de sentimentos como liberdade, empatia e amizade.

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Sociologia, Metodologias Ativas.

1 Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, thaynarachagas08@gmail.com ;

2 Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC, jonas.cruz@prof.ce.gov.br ;

3 Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, anarute.lima@aluno.uece.br ;

4 Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE, jaqueline.coelho@aluno.uece.br ;

5 Professor orientador: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, michely.andrade@uece.br.





INTRODUÇÃO

O campo da educação vem demandando cada vez mais inovações que superem a lógica tradicional de transmissão de conteúdos, na qual o professor assume o papel central e os estudantes permanecem em posição passiva. Dessa forma, práticas pedagógicas diversificadas e inclusivas se tornam fundamentais no fortalecimento do protagonismo estudantil e para repensar e transformar o ensino de Sociologia diante dos desafios vivenciados na escola pública.

Nesse contexto, o presente trabalho consiste em um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e que teve como campo de atuação a Escola de Ensino Médio Santo Amaro, localizada no Bairro Bom Jardim na cidade de Fortaleza-Ceará. Foram realizadas oficinas de crochê e bordado, além da realização do Círculo de Construção de Paz, como ferramentas formativas, reflexivas e interdisciplinares que conectam diversos saberes e promovem espaços de criação e de escuta ativa.

As metodologias ativas são estratégias pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo de ensino e aprendizagem, em detrimento ao modelo de educação bancária denunciada por Paulo Freire (2018), a qual, o aprendizado acontece de forma unilateral e passiva. Ao trazer a arte manual e os círculos de diálogo para o ambiente escolar, rompe-se com esse viés tradicional e bancário, permitindo que os/as estudantes possam se sentir pertencentes àquele espaço, sendo protagonistas do momento, onde podem manifestar-se e posicionar-se de forma crítica e reflexiva. De acordo com Morán (2015),

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa. (Morán, 2015, p. 17)

Nesse contexto, práticas como o bordado e o crochê ultrapassam o caráter técnico ou estético e se tornam instrumentos pedagógicos que contribuem para a concentração, criatividade e a valorização do trabalho coletivo. Dessa forma, o fazer manual se consolida como uma estratégia que potencializa a autonomia e promove vínculos.





Aliado a essas práticas, os Círculos de Construção de Paz surgem como metodologias dialógicas auxiliando no fortalecimento de vínculos, estimulando a escuta ativa e a valorização da participação estudantil. A partir dessa aproximação entre arte e diálogo, torna-se possível compreender como o ensino de Sociologia se alia de forma profunda a essas metodologias ativas, oferecendo fundamentos teóricos para a elaboração e discussão das temáticas presentes em cada oficina realizada, contribuindo na leitura crítica das práticas pedagógicas e para a formação de sujeitos conscientes do seu papel social, promovendo através da criação artística, o diálogo e o trabalho coletivo concretizando princípios sociológicos essenciais.

Por fim, para compreender como essas metodologias atuaram no ensino e aprendizagem, foi realizado um grupo focal com quatro estudantes que participaram das atividades. Dessa maneira, este relato de experiência busca refletir sobre o papel das metodologias ativas no fazer escolar, destacando as artes manuais e os círculos de paz como estratégias pedagógicas, a partir das vivências das estudantes.

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo foi construída a partir de práticas pedagógicas participativas realizadas no contexto escolar, desenvolvidas entre os meses de março, maio e junho de 2025. As ações contemplaram oficinas de bordado e crochê, a realização de um Círculo de Construção de Paz, uma roda de conversa e, por fim, um grupo focal. Essa combinação metodológica visou tanto proporcionar vivências significativas aos estudantes, quanto gerar dados para análise qualitativa da pesquisa, em consonância com a proposta de investigação nas Ciências Humanas (Minayo, 2012).

2.1 Oficina de Crochê

A oficina de crochê foi realizada em março em alusão ao mês da mulher, nos turnos da manhã e da tarde, envolvendo estudantes de diferentes turmas. O encontro iniciou com uma apresentação sobre a história do crochê e suas relações com a memória coletiva, com a identidade cultural e os vínculos afetivos, ao mesmo tempo em que problematizou estereótipos de gênero vinculados à prática. Em seguida, os/as estudantes foram apresentados aos materiais (linha e agulha de 5 mm) e orientados/as na execução dos pontos básicos, como





as correntinhas. A culminância da atividade foi a confecção de pulseiras, acompanhadas da escolha de uma palavra que representasse “o que é ser mulher”. Assim, a oficina configurou-se como prática participativa que uniu técnica manual, memória afetiva e reflexão crítica, criando um ambiente de confiança e diálogo (Hernández, 2000).

2.2 Círculo de Construção de Paz

O Círculo de Construção de Paz foi realizado como etapa complementar à oficina de crochê, configurando-se como metodologia autônoma voltada à criação de um espaço horizontal de escuta, acolhimento e partilha. Inspirados nas tradições indígenas da América do Norte e nos princípios da justiça restaurativa (Pranis, 2010), os círculos seguiram etapas estruturadas: abertura, definição de valores e diretrizes de convivência, uso do objeto da palavra e rodadas de fala guiadas por perguntas norteadoras. Essa prática possibilitou que os(as) estudantes compartilhassem experiências pessoais, refletissem sobre mulheres significativas em suas histórias e elaborassem mensagens de gratidão e reconhecimento. O círculo consolidou-se como um espaço de construção coletiva de vínculos e de promoção de uma cultura de paz (Zehr, 2008).

2.3 Oficina de Bordado

A oficina Bordando Sankofas foi desenvolvida no âmbito da Semana Janaína Dutra. O planejamento ocorreu ao longo de um mês e envolveu 10 estudantes dos turnos manhã e tarde. A proposta utilizou o símbolo Sankofa, proveniente da tradição Adinkra do povo Akan, que significa “voltar e pegar” ou “retornar ao passado para construir o futuro” como inspiração para refletir sobre identidades e trajetórias pessoais. Após a apresentação do símbolo e de sua significação, os/as participantes realizaram o bordado livre com materiais como algodão cru, bastidores, linhas e agulhas. A atividade incluiu também uma roda de conversa conduzida pela multiartista trans Patty, que compartilhou sua trajetória, abordando desafios ligados à identidade de gênero e à luta por respeito e reconhecimento. A oficina, assim, articulou expressão artística, memória cultural e reflexão sobre diversidade (Hooks, 2013).





2.4 Grupo Focal

Por fim, foi realizado um grupo focal com quatro estudantes do turno matutino que participaram de todos os momentos, com o objetivo de aprofundar a compreensão acerca da percepção dos(as) jovens sobre as oficinas, rodas de conversa e círculos de paz. O roteiro contemplou oito eixos: (1) aspectos mais lembrados das atividades; (2) sentimentos despertados; (3) aprendizagens adquiridas; (4) atuação das bolsistas; (5) diferenças em relação às aulas tradicionais; (6) contribuições para tratar de temas difíceis, como preconceito e identidade de gênero; (7) reflexões pessoais sobre história e identidade; e (8) relevância dos espaços de diálogo e criação no ambiente escolar. O grupo focal foi conduzido de acordo com a perspectiva qualitativa, privilegiando a escuta e a construção coletiva de sentidos (GATTI, 2012).

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Torres e Gonçalves (2019), as metodologias ativas são estratégias que colocam o estudante no centro do processo educativo, promovendo sua autonomia, reflexão crítica e participação. “A roda de conversa evoca a necessidade do escutar e não apenas do falar: os alunos que expõem suas investigações sociológicas, também tornam-se mediadores, pois provocam questionamentos e reflexões entre os colegas da turma” (Torres e Gonçalves, 2019, p. 9). Em vez de aulas expositivas tradicionais, o professor atua como mediador do conhecimento, estimulando a curiosidade e o diálogo entre os alunos. A pesquisa destaca, por exemplo, o uso da “Roda de Conversa Sociológica”, uma metodologia que cria um espaço democrático para o debate e a construção coletiva de saberes. Esse formato favorece o desenvolvimento da argumentação, da escuta e do respeito às diferenças, além de aproximar os conteúdos sociológicos da realidade vivida pelos estudantes. Nossa proposta em utilizar o bordado, o crochê e o círculo de construção de paz como metodologias ativas no ensino de Sociologia segue o mesmo caminho do trabalho de Torres e Gonçalves ao protagonizar o estudante numa aula não tradicional.

Além de servir como metodologia ativa no ensino de Sociologia, a prática do crochê também favorece uma aprendizagem significativa e libertadora, como explica Cavalcante (2023) em seu trabalho sobre a prática de crochê e o empoderamento dos alunos do 1º ano do Ensino Médio Técnico Integrado em Administração do Instituto Federal de Alagoas.





Cavalcante (2023) mostra como o crochê pode ser utilizado como ferramenta educativa para “propiciar melhora na saúde mental, seja porque trabalha concentração, foco, criatividade, autoestima, assim como por poder propiciar uma forma de empreender, além de favorecer o diálogo entre gerações.”.

Nesse sentido, o bordado também se apresenta como uma prática artística e educativa que estimula o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais, aproximando o fazer manual da reflexão sociológica. Por meio do ato de bordar, os/as estudantes são convidados a exercitar a paciência, a observação e a escuta sensível, reconhecendo o valor do processo coletivo de aprendizagem. Como destaca Barbosa (2010), a arte na educação permite articular o fazer, o apreciar e o contextualizar, conectando o conhecimento técnico à construção de significados e à valorização da cultura popular. Assim, o bordado, quando incorporado como metodologia ativa, se transforma em uma ferramenta pedagógica que integra estética e criticidade, favorecendo o protagonismo estudantil e a produção de saberes que emergem das experiências e memórias individuais e coletivas.

Nessa perspectiva de diálogo e protagonismo, o Círculo de Construção de Paz (CCP) consolida-se como uma metodologia ativa de alto potencial transformador, alinhando-se à crítica freireana à educação bancária e ampliando o conceito de escuta ativa proposto pela "Roda de Conversa Sociológica". Inspirado nos princípios da justiça restaurativa, o CCP é um espaço autônomo e horizontal que rompe com a lógica tradicional da sala de aula, promovendo a escuta ativa, o acolhimento e a participação equitativa de todos os envolvidos através do uso de um objeto da palavra e de rodadas de fala guiadas. Essa estrutura de diálogo visa fortalecer vínculos, estimular a empatia e criar um ambiente colaborativo, no qual os estudantes se sentem pertencentes e em posição de manifestar-se de forma crítica e reflexiva.

Ao possibilitar a partilha de experiências e a reflexão sobre temas como identidade e trajetórias, o Círculo de Construção de Paz funciona como um instrumento pedagógico que materializa princípios sociológicos essenciais no ambiente escolar. A urgência de práticas pedagógicas que superem a fragmentação do conhecimento e estimulem a complexidade do pensar é defendida por Morin (2000), o que se alinha à proposta dos círculos e das oficinas de arte como ferramentas interdisciplinares que conectam diversos saberes.

Segundo Morin (Idem), a comunicação nas sociedades contemporâneas triunfa, entretanto, a incompreensão permanece generalizada. Sem dúvida, há importantes e múltiplos



progressos no campo da comunicação, mas o avanço da incompreensão parece ainda maior. Para o filósofo e educador, o problema da compreensão tornou-se crucial para os humanos. E, por este motivo, deve ser uma das finalidades da educação do futuro. Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade (Idem).

Acrescenta-se a isso, o papel crucial da Sociologia para um processo crítico de ensino e aprendizagem permitindo que os/as estudantes compreendam as realidades sociais em sua complexidade, desenvolvendo uma postura reflexiva diante das desigualdades e transformações no mundo. Segundo Bourdieu (1998), a escola é um espaço de reprodução das desigualdades econômicas e simbólicas, mas também de possibilidade de transformação, especialmente quando práticas pedagógicas valorizam a expressão, a autoria e a reflexão sobre o cotidiano.

Dessa forma, as criações em oficinas artesanais, aliadas ao ensino de Sociologia, propiciam trabalhar com temáticas que atravessam a vida desses estudantes articulando teoria e prática, transformando conceitos sociológicos em experiências concretas de vivência, cooperação e criação coletiva, em que a arte está no centro do processo formativo enquanto metodologia ativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como desdobramento das atividades realizadas, foi realizado um grupo focal com quatro estudantes que participaram das oficinas e do círculo de construção de paz. O objetivo consistiu em compreender as percepções e sentimentos das participantes em relação às experiências vivenciadas, bem como estabelecer comparações com as aulas tradicionais e com suas práticas escolares cotidianas. O grupo focal foi organizado com o apoio do professor-supervisor Jonas Santos, momento em que foram elaboradas previamente oito questões norteadoras. As questões propostas buscavam investigar as impressões das estudantes acerca das atividades desenvolvidas, suas percepções sobre a participação no





processo, suas avaliações quanto ao papel desempenhado pelas bolsistas do PIBID, além de identificar possíveis diferenças apontadas em relação às aulas convencionais. Ademais, objetivou-se compreender em que medida as experiências das oficinas e do círculo de paz poderiam contribuir para a construção de habilidades de enfrentamento em relação a temas sensíveis, tais como preconceito, identidade de gênero e convivência com as diferenças.

A partir da análise da gravação realizada durante o grupo focal, verificou-se que, segundo as estudantes, os elementos mais apreciados na oficina foram o processo de aprendizagem, o tempo de qualidade dedicado à atividade, a quebra da rotina escolar, aspecto frequentemente mencionado, bem como a interação social e os vínculos de amizade que se formaram ao longo da experiência.

Em relação às percepções subjetivas, as participantes relataram sentimentos como relaxamento, leveza, diversão, acolhimento, tranquilidade, liberdade e respeito. Destacaram, ainda, que o processo de aprendizagem ocorreu de maneira descontraída, mas focada, abordando temas como a trajetória de mulheres importantes na história, bem como a própria história das alunas e do território em que vivem. As estudantes consideraram a oficina relevante por possibilitar um espaço de interação, diálogo livre, construção de vínculos e afetos, elementos que, segundo elas, são fundamentais para um ambiente escolar mais humanizado e significativo.

O processo de escuta das estudantes nos remete às reflexões de Paulo Freire (2018) quando este afirma que ensinar exige ética. Ou seja, o ato educativo não é apenas transmissão de conteúdos, mas uma prática profundamente humana que envolve sensibilidade, beleza, responsabilidade e compromisso com o outro. Dessa forma, ensinar exige ética porque o educador deve respeitar os estudantes, reconhecer sua dignidade, dialogar de forma honesta e assumir uma postura comprometida com a justiça, a autonomia e a liberdade. Do mesmo modo, a educação não pode ser neutra, uma vez que ela sempre expressa valores e precisa orientar-se por princípios éticos que promovam o respeito, a solidariedade e a emancipação política dos educandos.

A experiência das oficinas e do círculo de diálogo também nos faz compreender quando Paulo Freire afirma que ensinar exige estética, isso porque aprender envolve abertura ao sensível, ao afetivo, ao imaginativo. Para Freire, a estética está na forma como se vive o processo educativo: no cuidado com o ambiente, na criação de experiências significativas, no





prazer de aprender, na curiosidade e na criatividade que tornam o ato de aprender mais humano e encantador. Assim, ética e estética se entrelaçam, pois a formação integral de sujeitos críticos e sensíveis só é possível quando o ensino articula rigor, beleza, responsabilidade e afeto.

Desse modo, defendemos que o ensino de Sociologia torne-se cada vez mais próximo do fazer artístico. Concluimos o trabalho em diálogo com Edgar Morin (2000) quando o autor chama atenção para a indissociabilidade entre educação e arte, ao defender que o processo educativo deve reconhecer a complexidade humana, integrando razão, sensibilidade, imaginação e emoção. Para o autor, a arte não é um complemento periférico, mas um elemento essencial da formação, pois amplia a capacidade de compreender o mundo a partir de múltiplas perspectivas, desenvolve a sensibilidade ética e estética e favorece a compreensão da condição humana em sua totalidade. Ao propormos uma prática pedagógica no ensino de Sociologia que articule ciência, experiência estética e escuta ativa, compreendemos que a arte é um caminho privilegiado para promover a imaginação e o letramento sociológico, bem como o pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas durante as oficinas de crochê, bordado e do Círculo de Construção de Paz evidenciam o potencial das metodologias ativas e da arte como estratégias formativas no contexto escolar. Ao promoverem espaços de diálogo, acolhimento e criação, essas práticas se mostraram capazes de romper com a lógica tradicional de ensino, favorecendo a autonomia e o protagonismo estudantil.

Os relatos das estudantes participantes destacaram a relevância das atividades não apenas pelo aprendizado técnico, mas, sobretudo, pelo fortalecimento dos vínculos, pelo sentimento de pertencimento e pela possibilidade de reflexão crítica acerca de temas sociais e identitários. Nesse sentido, as oficinas e os círculos de paz revelaram-se como caminhos potentes para a construção de uma educação mais humanizada, significativa e conectada às vivências juvenis.

Assim, conclui-se que integrar metodologias ativas ao cotidiano escolar contribui para





ressignificar o espaço da escola como um ambiente de escuta, partilha e valorização das diferentes expressões culturais e pessoais. Esse movimento reafirma a importância de práticas pedagógicas que introduzam os/as estudantes no centro do processo de aprendizagem, reconhecendo-os como sujeitos capazes de produzir conhecimento e transformar suas realidades.

Desse modo, este trabalho reforça que a educação, quando aberta à sensibilidade e à diversidade de experiências, ultrapassa os limites da sala de aula e se torna parte da vida dos estudantes. Ao unir arte, memória, diálogo e escuta, as práticas aqui relatadas revelam que a escola pode ser um espaço de esperança e transformação, onde o aprender se entrelaça com o sentir e o viver. Trata-se de reconhecer que cada gesto, cada criação manual e cada palavra compartilhada carregam em si a potência de ressignificar trajetórias e inspirar novas formas de construir conhecimento coletivo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior - Brasil (CAPES), pela bolsa de fomento de iniciação à docência que permitiu a realização das atividades apresentadas no trabalho, além de outras construídas a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

Agradecemos às alunas que participaram das oficinas e do grupo focal e à Escola de Ensino Médio Santo Amaro pelo espaço que nos foi cedido e pela liberdade de construirmos ações dentro do âmbito escolar.

Agradecemos a nossa coordenadora do PIBID Michely Peres de Andrade pelo incentivo e contribuição à escrita deste trabalho, e ao supervisor da EEM Santo Amaro, Jonas Santos, por sempre ser parceiro nas ações propostas e nos garantir a vivência e atuação autônoma e criativa do fazer escolar.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.





BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CAVALCANTE, Fátima Maria Lyra. **O crochê como prática pedagógica de empoderamento**. Minas Gerais, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2018.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GATTI, Bernardete A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Editora Martins Fontes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2012.

MORÁN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. [Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II] Carlos Alberto de Souza e Ofelia Elisa Torres Morales (orgs.). PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PRANIS, Kay. **Processos circulares: construindo comunidades de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

TORRES, Ana Carolina Silva; GONÇALVES, Danyelle Nilin. **Metodologias ativas no ensino de Sociologia: por uma aprendizagem significativa**. Juazeiro do Norte, CE, 2019.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

